

Páginas Feministas em

REVISTA

Número 1 | Ano 2 | 2016 | Mossoró, RN



Centro
Feminista
8 DE MARÇO





Páginas Feministas em Revista

Publicação do Centro Feminista

Número 1 | Ano 2 | 2016

Esta publicação foi realizada com apoio da União Europeia através do Projeto Promovendo a Inclusão Social e Econômica das Mulheres das Comunidades Pesqueiras Periurbanas do Semiárido Potiguar - DCI-NSAPVD/2011/253-657
Seu conteúdo não expressa a opinião da União Europeia.



UNIÃO EUROPEIA

Expediente:

Centro Feminista 8 de Março

Rua Dionísio Filgueira, 519, Centro

CEP: 59.610-090, Mossoró/RN

Telefone: 55 84 3316-1537

Fax: 55 84 3321-3800

E-mail: cf8@cf8.org.br

Facebook:

facebook.com/centrofeminista8demarço

Twitter: twitter.com/CentroFeminista

Blog: centrofeminista.com/

Site: cf8.org.br/

Coordenação:

Eliane Maria da Conceição

Coordenação executiva:

Conceição Dantas

Rejane Medeiros

Supervisão:

Conceição Dantas

Rejane Medeiros

Ivi Dantas

Textos:

Camila Paula

Conceição Dantas

Lidiane Samara

Revisão de textos:

Adriana Vieira

Camila Paula

Fotos:

Arquivos do Centro Feminista 8 de Março

Concepção, diagramação e capa:

Ellen Dias

ellendiassc@gmail.com

Tiragem:

500 exemplares



Distribuição gratuita - Venda proibida

Editorial

Após anos da edição comemorativa de Páginas Feministas em Revista retomamos agora com um balanço de 2016. Assim serão as próximas edições. Nessa publicação a ocupação do espaço público, a luta e a irreverência das mulheres estão ilustradas em todas as páginas. 2015 foi um ano de muitos desafios, alternativas e também de conquistas. Foi um ano de tanta movimentação das mulheres nas ruas, redes e roçados que já está sendo reconhecido como o ano da primavera feminista. De março a outubro realizamos a IV Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres que durante todo o ano resistiu e propôs alternativas por seus corpos e territórios. A Virada Feminista, encerramento da ação entre 15 e 17 de outubro, afirmou e fortaleceu um movimento feminista que reúne várias mulheres trabalhadoras negras e brancas: pescadoras, indígenas, quilombolas, do campo e da cidade, dos bairros populares e universidades e tantas outras. A construção dessa ação expressou a trajetória realizada a partir de um processo de auto-organização e incorporação de uma ampla diversidade, em que todas as mulheres podem se sentir parte dessa trajetória e elaborar juntas suas resistências e alternativas. E, pensar ações a partir das experiências concretas das mulheres nos levou a debater a organização das mulheres negras baseada no seu local de trabalho, no seu território e no seu lugar de mulher. Cada dia nós é colocado o desafio da resistência também em nossos territórios urbanos. A ocupação do espaço público é uma das alternativas e a campanha Cidades Seguras para as Mulheres e o Beco das Artistas tem representado essa alternativa. A campanha circulou nas cidades de Upanema, Tibau e Mossoró na perspectiva de construir uma cidade com transporte e iluminação pública como uma das formas de garantir um espaço seguro e que respeite as mulheres. Desde 2013 a juventude ocupa a cidade de Mossoró, no Beco das Artistas, e com isso modificando e colorindo o espaço e a cena cultural mossoroense em uma ideia de um mundo com poesia, música, teatro, dança e livre do machismo, da homofobia e do racismo. No mês de agosto, junto com a CONTAG, organizamos a Marcha das Margaridas que somou 70 mil mulheres marchando nas ruas de Brasília. Fruto da auto-organização e alternativas propostas pelas mulheres de convivência com o semiárido, a experiência de reuso de água cinza para a produção de alimentos, o filtro "Água Viva", de Upanema, desenvolvida em parceria com a União Europeia e UFRSA foi vencedora na categoria mulheres do Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social. As mulheres se auto-organizaram e produziram em seus quintais hortas, frutas e verduras, além de criarem pequenos animais, que melhorou a alimentação e a renda das famílias. Mas, para realizarmos o trabalho durante esse ano contamos com a parceria da União Europeia, Actionaid, Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres (SPM) e Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho (SENAES/MTE).

A Coordenação

ÍNDICE

Centro Feminista 8 de Março: feminismo, organização e formação para mudar o mundo e a vida das mulheres	4
Feminismo e agroecologia: a importância do trabalho das mulheres nos quintais produtivos	8
O Centro Feminista e as boas práticas de ATER: assistência técnica rural no Rio Grande do Norte	10
Projeto do Centro Feminista ganha prêmio da Fundação BB: o projeto "Água Viva", em parceria com a União Europeia e a UFRSA venceu na categoria mulheres	14
Cidades Seguras para as Mulheres: auto-organização pelo direito à cidade	18
Do RN para Brasília: a luta das mulheres rurais na Marcha das Margaridas	20
Mulheres em movimento: resistências e alternativas na 4ª Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres	24
Enegrecendo o feminismo: uma reflexão sobre o encerramento da 4ª Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres	30
O feminismo e a cultura: a luta e a construção de uma cultura para a igualdade	36

Apresentação

Centro Feminista 8 de Março

Feminismo, organização e formação para mudar o mundo
e a vida das mulheres

Por Conceição Dantas





O Centro Feminista 08 de Março (CF8) é uma organização feminista que foi fundada no ano de 1993 em Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil. Sua missão é contribuir para construção do projeto feminista, popular e militante, capaz de fortalecer a autonomia econômica das mulheres, por meio da articulação e consolidação de alianças com movimentos sociais.

Tendo iniciado a atuação direta na região do Oeste potiguar, o CF8 tem ampliado seu trabalho em toda a região Nordeste a partir de cinco linhas de ação: Assessoria à Organização de Mulheres; Movimento e Articulação; Formação e Elaboração Feminista; Economia Feminista e Gestão Estratégica, Administrativa e Financeira. Essas linhas estão norteadas a partir de três elementos: feminismo, organização e formação que têm como princípio o fortalecimento da auto-organização das mulheres como movimento feminista e dentro dos movimentos mistos.

A visão de mundo e a realidade que se quer transformar se dão a partir de um olhar crítico das relações de dominação, entendendo que a análise e ação política devem articular as questões de classe, feminismo, raça/etnia e livre exercício da sexualidade.

Em 2003, a partir da assessoria técnica voltada à auto-organização de grupos de mulheres rurais, o CF8 identificou a partir dos grupos de mulheres, a necessidade de fortalecer a produção e geração de renda como uma estratégia para conquista da autonomia das mulheres, fazendo o entrelaçamento da agroecologia e economia solidária com o feminismo.

No ano de 2009 ampliou a atuação para mais 7 estados da região Nordeste, em parceria com

o Ministério do Desenvolvimento Agrário, através do projeto Mulheres e Autonomia, desenvolvendo ações de capacitação em políticas públicas para mulheres.

O trabalho do CF8 tem como fortalecer construir experiências inovadoras a partir da auto-organização das mulheres. Entre elas podemos destacar: construção de cisternas feitas por mulheres, o sistema de reuso de água cinza para a plantação, experiências agroecológicas e de convivência com o semiárido na organização das mulheres rurais nos assentamentos e comunidades, nos bairros populares e junto às juventudes. Todas estas experiências fazem a interface entre a construção de movimento social feminista e acesso à políticas públicas.



Conceição Dantas, coordenadora do Centro Feminista 8 de Março



Ao longo de sua atuação, o CF8 vem se constituindo como entidade referência na organização de mulheres rurais e apoio ao acesso às políticas públicas para as mulheres, na assessoria aos grupos auto-organizados e a outras instituições, especialmente as que atuam com Assistência Técnica e Extensão Rural no Nordeste.





Centro Feminista e as parcerias locais, nacionais e internacionais

Durante o ano de 2015, entre cursos, oficinas, visitas de assistência técnica, formações, atos públicos e eventos, o Centro Feminista conseguiu atingir diretamente um público de, aproximadamente, 8 mil mulheres de Mossoró e região. Pelas redes sociais, um alcance de mais 400 mil pessoas.

Para desenvolver o trabalho a entidade conta com profissionais de diversas áreas: ciências agrárias, ciências sociais, administração, produção textual, comunicação e ciências auxiliares, com experiência em temas como feminismo, geração, produção agroecológica e auto-organização.

Nacionalmente, a atuação do Centro se dá a partir da adesão à Marcha Mundial das Mulheres e na parceria com outros movimentos sociais como na composição do GT Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), na Articulação do

Semiárido (ASA), na Rede Economia Feminista (REF), Rede Xique Xique, universidades e centros de pesquisas. Isso tem contribuído com o crescimento do CF8 na sociedade e também com o enraizamento do debate sobre as relações patriarcais e a possibilidade de construção de uma sociedade com igualdade e justiça social para todas as pessoas.

Localmente, o CF8 atua em parceria com a Rede Xique Xique, os Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadora Rurais, Colônias de Pescadores e Pescadoras, entidades de assistência técnica, tais como: AACC, Coopervida, Sertão Verde, CEACRU, Terra Viva, Centro Juazeiro, CPT, entre outras, como universidades e centros de pesquisa. A instituição também integra os colegiados territoriais Açú-Mossoró e Sertão do Apodi e o Fórum Potiguar de Economia Solidária.

Prospecções 2016

Em 2016 teremos como prioridade: 1) Apoio à auto-organização de mulheres nos grupos com o fortalecimento da Marcha Mundial das Mulheres. Esta ação se dará em todos os grupos apoiados pelo CF8 e nos estados do Nordeste onde existe organização da MMM; 2) Assessoria, acompanhamento e assistência técnica aos grupos de mulheres dos Territórios da Cidadania Sertão do Apodi, Açu-Mossoró, Seridó e Mato Grande. Queremos fortalecer as experiências de convivência com o semiárido e de agroecologia protagonizadas por mulheres e a busca da soberania alimentar. Incidiremos sobre o debate da produção

na agricultura, considerando a divisão sexual do trabalho e a importância de ser produção agroecológica; 3) Apoio à organização e participação das mulheres do Rio Grande do Norte no IX Encontro Nacional da Articulação do Semiárido Brasil (ASA Brasil), que será realizado em Mossoró/RN, um espaço político importante para discussões e avaliação das políticas públicas voltadas para o semiárido e fortalecimento das experiências de convivência com a região e 4) Fortalecer ações com as mulheres jovens por meio de construção de contracultura através da batucada feminista e das intervenções no beco das e dos artistas.



Visibilidade

Feminismo e agroecologia

A importância do trabalho das mulheres nos quintais produtivos



Quintais produtivos: alternativa para o consumo próprio e para a comercialização

O cuidado e a produção nos quintais ainda são encarados como um trabalho doméstico e, como todo trabalho doméstico realizado pelas mulheres, é invisibilizado sendo considerado uma 'ajuda' em casa. Porém, através da Assistência Técnica Rural voltada para as mulheres, o Centro Feminista busca melhores condições e visibilidade para o trabalho produtivo das mulheres em seus quintais.

As mulheres criam animais de pequeno porte e fazem o cultivo da terra buscando uma maior diversidade no plantio como hortaliças, flores, frutas e plantas medicinais pensando em tudo que pode contribuir para as tarefas que geralmente executam, aplicando saberes tradicionais e sem o uso do agrotóxico. Este trabalho das mulheres é agroecológico, ou seja,





uma forma de viver e produzir sem prejudicar o meio ambiente; valoriza a sabedoria popular, visando outras relações sociais sem exploração do trabalho, sem machismo, racismo e com o compromisso da construção de uma alternativa de produção de soberania alimentar e enfrentamento ao modelo do agronegócio que explora e destrói os recursos naturais e humanos.

Outro ponto levantado pelas mulheres nas produções dos quintais é o enfrentamento às imposições da indústria farmacêutica. As mulheres acreditam no poder de cura das plantas. Conhecimentos que adquiriram de mães, pais, avós e que trocam entre si, fortalecendo a agroecologia e os saberes tradicionais.

Dona Romana do P.A Rosado, por exemplo, deixa as dicas: “None é bom pra inflamação e até ajuda no tratamento de câncer. A malva e hortelã é bom pra gripe, a gente faz o lambedor. O chá de capim santo serve pra acalmar os nervos e a corama é boa pra acabar com tumores e inflamações, é só esquentar a folha da corama no fogo e colocar em cima do tumor que a folha chupa o tumor todinho”. Aprendeu?

As mulheres cultivam para consumir e comercializar sua própria produção: “Os trabalhos reprodutivos e produtivos das mulheres não só administram as dificuldades e economizam como geram renda, sim, para elas e suas famílias. Quando potencializamos essa produção, o reconhecimento do trabalho delas mesmas e da comunidade vem junto”, é o que diz Giovana Lopes, técnica do Centro Feminista. E assim os quintais produtivos vão fortalecendo a agroecologia e o caminho delas próprias para sua autonomia, mudando suas realidades e o mundo.



Resistências



O Centro Feminista e as boas práticas de ATER

Assistência técnica rural no Rio Grande do Norte

Com o objetivo de construir resistências e alternativas, a assistência técnica rural desenvolvida pelo Centro Feminista 8 de Março vem acumulando práticas para mudar a vida das mulheres. Como reconhecimento de boas práticas da política pública de Assistência Técnica Rural (ATER Mulheres) foram selecionadas nacionalmente as experiências do CF8 no tocante à recreação infantil e o projeto de produção

coletiva de mulheres de Rio Novo, em Apodi, RN.

O histórico do CF8 na assessoria aos grupos e assistência técnica às mulheres rurais vem antes mesmo das políticas governamentais. Em 2004, através de convênios, o CF8 fez a escolha por desenvolver assistência técnica voltada para as mulheres e com a nova Lei de ATER Mulheres em 2008, a prática vem se estendendo às regiões do Oeste potiguar, Seridó e Mato Grande.



Recreação para a igualdade

A recreação infantil através do ATER Mulheres foi desenvolvida em cinco municípios: Apodi, Campo Grande, Caraúbas, Filipe Guerra e Itaú. Ela inclui brincadeiras de rodas, pintura, contagem de histórias, desenhos, confecção de cartazes. Diante da necessidade de socializar o trabalho doméstico e do cuidado para que as mulheres rurais destinassem um maior tempo para o trabalho mercantil e ao mesmo tempo desconstruir a lógica de que o tempo das mulheres é inesgotável e que devem ser responsável pelo trabalho doméstico e do cuidado.

De acordo com o diagnóstico de ATER realizado pelo CF8, em 2011, as mulheres com filhos com idade entre 0 e 07 anos exercem menos atividades produtivas do que as mulheres com filhos em idade escolar. E perceber-se que a falta de uma política de creche para o rural altera o tempo das mulheres destinado à produção. Cuidar das crianças e participar das atividades ao mesmo tempo é uma realidade das mulheres rurais do semiárido.

As políticas públicas que tornam possível o reconhecimento e valorização do trabalho das mulheres e a luta pela sua autonomia financeira, para funcionarem efetivamente, precisam dar o acesso e o apoio necessário para a socialização das tarefas domésticas e do cuidado para que estas tarefas que as mulheres assumem sozinhas devido à divisão sexual desigual do trabalho, não impeçam que elas possam participar e mudar sua realidade.

Com base nas orientações e, sobretudo, no debate feito no CF8, a proposta de recreação infantil contempla três questões: a realidade das crianças rurais; uma recreação pautada na igualdade de meninos e meninas e a sucessão rural. As brincadeiras buscam referências no que existe e na produção da comunidade; não realiza leituras de histórias de princesas ou príncipes encantados, não se separa brinquedos e brincadeiras a partir do gênero e nem com cores ou comportamento destinado para menino ou menina. E a partir de brincadeiras e narrativas infantis mostramos que o rural não é o atraso e nem o urbano o moderno, como aprendemos em outros espaços do cotidiano. Os debates foram realizados apresentando esses espaços com realidades diferentes, porém cada um com suas potencialidades e dificuldades. Para essa leitura contamos com os instrumentos metodológicos de arte-educação que valoriza a igualdade.



Com as crianças na recreação as mães têm mais tempo para participar das atividades

Produção Coletiva de mulheres para autonomia

Em 2012, a Associação Comunitária de Rio Novo, Apodi, RN, elaborou um projeto para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) na modalidade doação simultânea, na qual durante seis meses as mulheres produziram e ofertaram 03 tipos de doces de frutas típicas da região e matéria-prima local.

A estiagem prolongada que causou uma significativa diminuição da produção de frutas fez cessar temporariamente a atividade de plantio. E “como o projeto exigia que para a produção do doce, a matéria-prima fosse da comunidade e nossos quintais eram muito pequenos para a demanda, nós, eu e as meninas, assumimos esse desafio de cultivar banana em um terreno emprestado e produzir o doce”, diz Maria Dalvaneide que continua explicando: “Mas o projeto dura um certo tempo



A partir da experiência as mulheres apontam diversos resultados, como o fortalecimento da auto-organização do grupo

As atividades produtivas são diversificadas

e para. Quando produzimos pra CONAB, a gente já tem venda garantida. Mas agora temos que vender por nós mesmas. E a gente tinha duas escolhas: continuar ou acabar com o nosso trabalho. E mesmo com toda dificuldade e falta de dinheiro pra investir, decidimos continuar”.

E assim, se constituiu o grupo produtivo composto por seis mulheres: Carmem Gomes, 44; Maria Elenita, 49; Maria Genilda, 52; Patrícia Luiza, 37; Maria Dalvaneide, 35 e Gracilene Nascimento, 26. Elas acessaram o crédito PRONAF B em 2013 e implementaram um pomar com 2 hectares de banana (aquisição de mudas e plantio, instalação do sistema de irrigação por gotejamento e tratos culturais) em uma área cedida na comunidade por um parente.

Mesmo com toda a dedicação das mulheres, os recursos



O trabalho no bananal é encarado pelas mulheres com muito afinho e traz bons resultados



foram insuficientes para a plena execução do projeto desejado. Em 2013, chegando à comunidade de Rio Novo para a execução do ATER, a equipe do CF8 se deparou com esta realidade e, em parceria com as mulheres, organizou o projeto coletivo. Com os recursos do ATER Mulheres, foi possível realizar a troca de equipamentos que permitiu a continuidade e a busca da sustentabilidade do trabalho das mulheres.

São dois hectares irrigados por gotejamento, tipo de irrigação adequada para as condições climáticas e hídricas. Na produção, os tratamentos culturais e controle de insetos são feitos em bases agroecológicas. As atividades produtivas são diversificadas, com a produção nos quintais, com a criação de galinha caipira, ovino e a melhoria

na distribuição de água no quintal somadas à produção coletiva.

O trabalho no bananal é encarado pelas mulheres com muito afinho e traz bons resultados. “Tô me sentindo realizada. Melhorou a minha renda, a gente coloca as contas em dia, compra material escolar das crianças, mais comida boa em casa, tudo fruto do meu trabalho. Tudo melhorou” diz Maria Elenita. Ao que completa Carmem: “Sem falar que é um sonho pra nós que somos domésticas e agricultoras, poder melhorar nossa casa, botar cerâmica e ter um lazer, né?” Além disso, o desenvolvimento é também uma forma de contribuir com a segurança e soberania alimentar, já que os produtos são destinados tanto para comercialização quanto para o autoconsumo.

“Tô me sentindo realizada. Melhorou a minha renda, a gente coloca as contas em dia, compra material escolar das crianças, mais comida boa em casa, tudo fruto do meu trabalho. Tudo melhorou”, diz Maria Elenita.



A partir da realização da experiência, as mulheres apontam diversos resultados como o fortalecimento da auto-organização do grupo e a solidariedade entre elas, visto que as mulheres se reúnem diariamente para conversar, realizar suas tarefas e pensar sobre outras questões que são importantes para elas, gerando também maior visibilidade do trabalho das mulheres na comunidade.

A comercialização é vista como um resultado muito importante, atualmente o grupo comercializa em média 1.500 kg de banana *in natura* por semana. Mas a ampliação da autonomia econômica das mulheres e elevação da autoestima, por se sentirem capazes de trabalhar e ter seu próprio dinheiro são o maior ganho desta prática.



Premiação

Projeto do Centro Feminista ganha prêmio da Fundação BB

O projeto “Água Viva”, em parceria com a União Europeia e a UFERSA venceu na categoria mulheres



A premiação aconteceu no mês de novembro, em Brasília, DF

“Água Viva: mulheres e o redesenho da vida no semiárido do Rio Grande Norte”, desenvolvido pelo Centro Feminista 08 de Março em parceria com a Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA) é o vencedor do Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social, na categoria Mulheres. A tecnologia

social, cofinanciada pela União Europeia (através do projeto Do Quintal ao Mar), é resultado do processo de auto-organização das mulheres do Assentamento Monte Alegre I, de Upanema (RN) e de professores e estudantes da Universidade Rural do Semiárido (UFERSA), que buscavam alternativas de convivência

com a estiagem no semiárido.

O sistema “Água Viva” consiste no reaproveitamento da água utilizada nas atividades domésticas, como lavagem de louça e roupa, para aguar a plantação. O filtro é capaz de garantir água adequada para o cultivo agrícola, pois além de livrar de bactérias prejudiciais, conserva alguns



Tecnologia social se destaca por seu baixo custo e por sua replicabilidade

nutrientes como fósforo e cálcio (contidos nos resíduos acumulados na água cinza), adubando melhor a terra para a produção. A água é utilizada para a irrigação de frutas e hortaliças agroecológicas.

A agrônoma Ivi Aliana Dantas, técnica do Centro Feminista responsável pelo projeto, comenta que as experiências nasceram a partir das necessidades das mulheres com as quais o Centro Feminista trabalha, sendo assim, um fruto de sua auto-organização: “é importante a gente estar cada dia pensando, junto com essas mulheres, para melhorar a produção, melhorar a sua renda e melhorar sua autonomia. É uma experiência simples, barata e que pode ser replicada para outros lugares, outras condições de clima”.

Maria Alvani Pereira, agricultora e moradora do assentamento Monte Alegre I, explica as mudanças que o filtro trouxe à sua família: “antes a água era toda desperdiçada aí, acumulada no pé da porta e era um fedor

muito grande. Agora, quando eu olho pro meu quintal, que eu vejo muita coisa, muita verdura, eu me sinto orgulhosa. Para mim tá muito bom, porque sustenta a família e ainda sobra para vender”.

O acompanhamento e as análises laboratoriais que comprovam a qualidade da água e o bom funcionamento do projeto é feito pela universidade. Rafael Oliveira Batista, professor Doutor

do Departamento de Engenharia Agrícola e Ambiental da UFER-SA e coordenador das atividades de pesquisa no projeto, explica que foi o Centro Feminista que levou a demanda para a universidade e que a parceria tem sido fundamental para a aplicação dos conhecimentos científicos gerados na universidade: “essa parceria foi imprescindível para o desenvolvimento desse produto que possibilita a convivência com o semiárido potiguar”. Rafael comenta ainda que o projeto tem servido como base para pesquisas tanto da graduação, como de mestrado e doutorado.

Realizado a cada dois anos, o Prêmio Fundação Banco do Brasil tem como objetivo identificar tecnologias sociais, que promovam o envolvimento da comunidade, transformação social e possibilidade de serem reaplicadas, implementadas em âmbito local, regional ou nacional e que sejam efetivas na solução de questões relativas à alimentação, educação, energia, habitação, meio ambiente, recursos hídricos, renda e saúde. Ao todo, 18 experiências no campo e na cidade disputaram o primeiro lugar em seis categorias.





Água Viva pelas mãos das mulheres: uma parceria com a União Europeia

Após premiação da tecnologia de reuso de água, o Centro Feminista iniciou a capacitação de mulheres para construção dos filtros de reuso de água do projeto Água Viva com o apoio da União Europeia e agora do Banco do Brasil.

A primeira capacitação após o prêmio aconteceu na comunidade de Lagoa de Salsa, Tibau, e foi facilitada por Lindinalva Martins que tem experiência como cisterna e contou com a participação de outras 6 mulheres da comunidade que estão aprendendo a construir a tecnologia social para replicar

em suas casas e multiplicar o projeto no local onde vivem.

Através da replicação da experiência, o projeto Água Viva e a própria tecnologia está sendo aprimorada: “com a construção coletiva feita pelas próprias mulheres uma vai aprendendo com a outra. Importante também é que estamos usando as matérias primas que existem nos locais e, além do aprimoramento dos filtros, a apropriação da técnica pelas mulheres implica diretamente no empoderamento destas e no barateamento da obra”, comenta Lindinalva.



Cidadania



Cidades Seguras para as Mulheres

Auto-organização pelo direito à cidade

A questão do acesso à cidade é central no que diz respeito à radicalização da cidadania e que muitas vezes parece ser esquecida nos debates públicos. Possuir acesso à cidade significa poder vivenciá-la com plena integração com o espaço público, a possibilidade de se locomover pelo espaço em que se vive a qualquer hora, sobretudo, intervir e dialogar com a cidade.

O acesso ao espaço público, o acesso à cidade, o direito de usufruir das expressões culturais, dos encontros, do espaço público, é muito restrito para as mulheres devido à violência que sofrem nas ruas diariamente e que muitas vezes torna a mobilidade restrita. Para tornar as cidades mais seguras para as mulheres existe a necessidade concreta de serviços públicos de qualidade.

Desenvolvido pela ActionAid, organização com atuação em mais de 40 países, em parceria com

o Centro Feminista 8 de Março, Marcha Mundial das Mulheres, entre outras organizações e movimentos feministas, a campanha Cidades Seguras para as Mulheres tem como objetivo inicial chamar a atenção das autoridades para os problemas de violência que as mulheres enfrentam nos espaços públicos. Alcançando, em longo prazo, mais segurança nas ruas e a conscientização da população sobre o tema.

Diariamente as mulheres experimentam o medo da violência e a insegurança nos espaços públicos, o que limita sua mobilidade e o desenvolvimento de suas potencialidades. A falta de qualidade dos serviços públicos seja no transporte, iluminação pública, educação sexista, policiamento e moradia, afeta diretamente a vida das mulheres e as torna ainda mais vulneráveis. A campanha “Cidades Seguras”

visa garantir uma cidade que respeite as mulheres.

Ao longo de 2014 e 2015, o projeto debateu a segurança das mulheres nos espaços públicos nos bairros periféricos das cidades dos estados RJ, SP, PE e RN. No Rio Grande do Norte, o CF8 fez um levantamento com as mulheres sobre os principais pontos onde elas se sentem inseguras: Upanema, Tibau, nos bairros Nova Vida, Belo Horizonte e Lagoa do Mato, e na comunidade rural de Jucuri.

A ideia é construir uma campanha nacional que faça um diagnóstico de como a cidade pode ser mais segura para as mulheres que, segundo Adriana Vieira, do Centro Feminista, “não se resume à segurança pública no aspecto do policiamento das ruas, mas para ter um lugar mais seguro onde viver o público feminino reivindica, principalmente: transporte público, iluminação das vias públicas, acesso à educação e creches, pontos que aparecem interligados e a conscientização da população”.

As oficinas e rodas de conversas realizadas nos municípios possibilitaram um mapeamento das áreas de risco para as mulheres. Em novembro de 2015, foi realizado o Seminário Estadual da campanha Cidades Seguras que sistematizou os problemas, as demandas e as resoluções levantadas pelas mulheres em seus locais para que as informações fossem condensadas e apresentadas ao poder público.

Com a auto-organização para pensar os problemas das cidades, além das demandas, as mulheres criam alternativas, formulam políticas públicas e geram respostas concretas para viver com mais segurança pelo seu direito à cidade.



As rodas de conversas realizadas nos municípios possibilitaram identificar as áreas de risco

Cidades Seguras para as Mulheres tem como objetivo inicial chamar a atenção das autoridades para os problemas de violência que as mulheres enfrentam nos espaços públicos. Alcançando, em longo prazo, mais segurança nas ruas e a conscientização da população sobre o tema.

Margaridas

Do RN para Brasília

A luta das mulheres rurais na Marcha das Margaridas



Junto com a MMM o CF8 mobilizou cerca de 400 mulheres em todo o Rio Grande do Norte para participar da atividade em Brasília no mês de agosto

A Marcha das Margaridas faz parte da agenda de mobilização feminista de diversos movimentos sociais, sindicatos rurais e comunidades tradicionais. No ano de 2015, trouxe o tema Margaridas em Marcha por Desenvolvimento Sustentável com Democracia, Justiça, Autonomia, Igualdade e Liberdade. Referência em conquistas como unidades móveis de assistência aos casos de violência contra as mulheres, criação do Pronaf Mulher e diversas outras políticas públicas, a Marcha cresce a cada ano.

“Quando nós do Centro Feminista 8 de Março e da Marcha Mundial das Mulheres decidimos levar 400 mulheres rurais, urbanas, de todas as idades de Mossoró e região para a V Marcha das Margaridas, dias 11 e 12 de agosto, em Brasília, sabíamos dos muitos desafios que enfrentaríamos desde a mobilização e formação até à garantia de bem estar das mulheres em todo o tra-

jeto para que as decididas, como são chamadas as Margaridas na canção oficial do movimento, pudessem, lutar por políticas e direitos sociais” é o que diz Adriana Vieira, uma das responsáveis pela mobilização de mulheres.

Mobilização de massas que pauta e conquista melhorias

para as mulheres do campo, das águas e das florestas, assim como para todo o país. Em sua quinta edição, a Marcha das Margaridas reivindicou reformas estruturais: agrária, tributária e política, soberania e segurança alimentar, democracia e participação popular com paridade, enfrentamento e o fim da violência sexista, direito a autonomia dos corpos e vidas das mulheres, políticas públicas que promovam a dignidade de viver e produzir nos territórios e a igualdade para todas as pessoas. Muitas as bandeiras, muitas as vozes.

Foram quatro dias de viagem: dois para ir e dois para voltar. Um dia antes da marcha nas ruas, foram realizadas conferências e debates nos quais as mulheres puderam discutir diversos temas desde gênero à política e economia e no dia 12, marcharam até a Esplanada dos Ministérios reivindicando as suas pautas e mostrando a força da organização das mulheres na luta por políticas públicas e no enfrentamento das opressões.

Francisca Texeira, mais conhecida como Morena, explicou que: “a Marcha das





Indígenas do RN presentes na marcha

A Marcha das Margaridas reivindicou reformas estruturais: agrária, tributária e política, soberania e segurança alimentar, democracia e participação popular com paridade, enfrentamento e o fim da violência sexista, direito a autonomia dos corpos e vidas das mulheres, políticas públicas que promovam a dignidade de viver e produzir nos territórios e a igualdade para todas as pessoas.

Margaridas é um momento de sabermos que juntas nós somos fortes. Nós, as mulheres do campo, das águas e das florestas, voltamos animadas para a luta porque viemos fortalecidas com mais conhecimento e união que vai nos fazer avançar, né?!".

A construção de 1.200 creches em comunidades rurais, ampliação de políticas de combate à violência contra as mulheres com patrulhas móveis e formação de promotoras legais populares pelo PRONATEC, apoio à produção das mulheres em seus quintais, a construção de 100 mil cisternas até 2018 para dar acesso à água e o reconhecimento das pescadoras como trabalhadoras e não apenas apoiadoras da pesca garantindo que sejam seguradas na Previdência Social e o debate do Programa Nacional de Redução do Uso de Agrotóxico (PRONARA) e ampliação do crédito para a reforma agrária foram alguns compromissos assumidos pela presidenta em resposta à Marcha das Margaridas.

Conceição Dantas, da coordenação do CF8 afirma que: "Tanto nós mulheres, como as instituições Sertão Verde, Terra Viva, Coopervida, AACC, Chapéu de Couro, Asa Potiguar, UERN, SEAPAC, FETARN, DIACONIA, EMATER, Caritas Caicó, ATOS, STTR Apodi, CPT e o Mandato Popular de Lilia Holanda que contribuíram diretamente para que fôssemos à Marcha das Margaridas temos a responsabilidade de seguirmos na luta para que os compromissos sejam cumpridos e para que possamos avançar nas mudanças e na construção do país que queremos".



Além da caminhada, o evento também contou com várias atividades de formação





4ª Ação

Mulheres em movimento

Resistências e alternativas na 4ª Ação Internacional da
Marcha Mundial das Mulheres





De março a outubro de 2014, a 4ª Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres aconteceu em todo o mundo e, no Brasil, com atividades descentralizadas nos estados. Com o tema “Corpos e Territórios: Resistências e Alternativas”, as militantes da Marcha Mundial das Mulheres do Ceará e Rio Grande do Norte realizaram a Virada Feminista Agroecológica e Cultural nos dias 15, 16 e 17 de outubro como encerramento da 4ª Ação.

O Centro Feminista esteve na realização da 4ª Ação do RN e, entre as atividades, organizou a Caravana Agroecológica Feminista e 24h de cultura feminista. A Caravana circulou no dia 16 pelas comunidades rurais de Patu, na Associação Quilombola do Jatobá com a temática do “Feminismo Antirracista”; Caraúbas com o “Feminismo e Economia Solidária”; Upanema com o “Feminismo e a Convivência com o Semi-árido”; Tibau e Grossos na “Luta Feminista pela Terra e pelo Mar”; Apodi com o “Feminismo e a Soberania dos Territórios”; e Macaíba e São Gonçalo na comunidade indígena de Lagoa do Tapará com o “Feminismo Anti-colonialista” mostrando o que o feminismo tem a ver com as resistências e alternativas criadas pelas mulheres.

No dia 17, toda a programação da 4ª ação foi concentrada em Mossoró com o seminário “Corpos e Territórios: Resistências e Alternativas” no qual foi debatido o enfrentamento do avanço do conservadorismo, a partir da resistência das mulheres finalizando com um ato de rua ao meio dia. E, concomitantemente ao seminário, as 24h de Cultura Feminista aconteceram nos polos em bairros periféricos e no centro da cidade tendo iniciado às 6h, no Polo Margarida Alves, no bairro Nova Vida, onde ocorreu a bicicletada feminista circulando pelas ruas da comunidade como uma



Oficina de dança no bairro Lagoa do Mato



Bicicletada feminista no bairro Nova Vida

Com o tema “Corpos e Territórios: Resistências e Alternativas”, as militantes da Marcha Mundial das Mulheres do Ceará e Rio Grande do Norte realizaram a Virada Feminista Agroecológica e Cultural nos dias 15, 16 e 17 de outubro como encerramento da 4ª Ação.





As caravanas agroecológicas visitaram experiências de grupos de mulheres em sete municípios potiguares

ronda feminista dizendo não à especulação imobiliária, não ao tráfico e não ao controle militar. Em seguida, no programa Espaço Lilás ao vivo com participação popular e às 10h, oficinas de rádio, estêncil e redes sociais.

No Polo Romana Barros, bairro Lagoa do Mato, a programação começou às 14h com oficinas de batucada e danças populares finalizando às 16:00h e às 16h, no Polo Pagu, bairro Santa Delmira, oficina de filtro dos sonhos e de poesia marginal. No centro da cidade, no Polo Frida Kahlo foi onde aconteceu a Feira de Economia Feminista e Solidária e exposi-

ção fotográfica no Beco das e dos Artistas. Às 21h a Batucada Feminista abriu o palco dos shows musicais com artistas locais, regionais e a nacional Ellen Oléria.

“Nesses 15 anos, levantamos as vozes silenciadas, aumentamos o tom de nossas vozes e aprendemos a falar juntas nas plataformas de luta que levamos no mundo inteiro e no nosso país. As ofensivas existem, mas nós resistimos e criamos alternativas”, Disse Nalu Faria, da coordenação nacional da Marcha Mundial das Mulheres.



Visita aos quintais produtivos em Apodi



Seminário Corpos e Territórios: Resistências e alternativas



Feira de economia feminista e solidária



Ato realizado no Centro da cidade após o encerramento do seminário





Integrantes do elenco do show Mulheres, Lutas e Memórias



Cantoras mossoroenses no palco da Virada Feminista Agroecológica e Cultural



Visitamos as mulheres de Apodi para mostrar a resistência ao perímetro irrigado, mas também para mostrar que lá elas constroem outra forma de viver na natureza, que vivem bem, que querem ficar no campo. Fomos para Tibau para dizer que mesmo recebendo ordens de despejo de suas terras em nome do interesse de instalação de usinas eólicas, as mulheres pescam marisco e fazem o beneficiamento do pescado. Fomos a Caraúbas e Upanema onde as mulheres fazem economia solidária e reuso de água para convivência com o semiárido. Junto com as mulheres de Jatobá, mostramos que as mulheres negras organizadas conseguem a terra, a água e fazer a luta antirracista. As mulheres não estão só dizendo não. Estão construindo formas de dizer sim, com alternativas. Ocupamos a cidade de Mossoró com 24 horas de cultura feminista, revertendo a lógica desta sociedade e dicen-



Show da cantora potiguar Khrystal



Show da Cantora Ellen Oléria, de Brasília, DF

do que o feminismo ocupa campo e cidade construindo cultura para a igualdade.

Entendendo a importância do feminismo para resistências e alternativas das mulheres, a Virada Feminista Agroecológica e Cultural encerrou a 4ª Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres buscando fortalecer as lutas pelos territórios no campo e na cidade, a agroecologia, a convivência com o semiárido, a economia feminista solidária e uma cultura para: mudar a vida das mulheres para mudar o mundo e mudar o mundo para mudar a vida das mulheres juntas e, porque juntas, fortalecidas!



Antirracista

Enegrecendo o feminismo

Uma reflexão sobre o encerramento da 4ª Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres

Por Lidiane Samara

O feminismo da MMM é construído cotidianamente a partir das experiências de vida concreta das mulheres, busca olhar para as relações sociais como um todo e, portanto, como se entrelaçam o racismo, o capitalismo, o patriarcado e a opressão da sexualidade. Por isso, antes mesmo da realização da nossa virada Feminista Agroecológica e Cultural pudemos afirmar que seria uma atividade antirracista e que contribuiria para enegrecer o feminismo.

A Virada Feminista, entre 15 e 17 de outubro de 2015, afirmou e fortaleceu um movimento feminista que reúne várias mulheres trabalhadoras negras e brancas: pescadoras, indígenas, quilombolas, do campo e da cidade, dos bairros populares e universidades e tantas outras. A construção dessa ação expressou a trajetória realizada a partir de um processo de auto-organização e incorporação de uma ampla diversidade, em que todas as mulheres podem se sentir parte dessa trajetória e elaborar juntas suas resistências e alternativas.

Pensar ações a partir das experiências concretas das mulheres nos levou a debater a organização das mulheres negras baseada no seu local de trabalho, no seu território e no seu lugar de mulher. Queremos mudar



Lidiane Samara, militante da MMM



Mulheres quilombolas participando das oficinas nos bairros durante a 4ª Ação

a vida das mulheres por inteiro e transformar todas as relações de poder existente na sociedade que impedem as mulheres negras de serem sujeitos de sua história. Por isso é importante ver como nosso movimento fortalece a presença das mulheres negras e ao mesmo tempo incorpora as demandas concretas da luta antirracista.

Das mais de trinta atividades que ocorreram na virada feminista que fortaleceram as mulheres negras, citamos a caravana feminismo antirracista e as atrações culturais.



Mulheres quilombolas

A caravana intitulada “Feminismo Antirracista” visitou a experiência do grupo de mulheres da Associação Quilombola de Jatobá, na zona rural do município de Patu/RN, primeira comunidade a ser reconhecida como comunidade remanescente de Quilombo no estado. Nessa visita tivemos a oportunidade de conhecer a contribuição das mulheres negras daquela localidade, papel decisivo na luta pela terra. A história de auto-organização e de luta das mulheres de Jatobá pela terra foi contada para as companheiras vindas de várias partes. Falaram sobre seus costumes e mostraram sua cultura através de fotos, danças, músicas e falas.

Esta atividade teve o objetivo de fortalecer os territórios na nossa região e dar visibilidade para a importância do quilombo de

Jatobá e da resistência negra na construção de alternativas de convivência com o semiárido, elaboradas pelas mulheres negras através da auto-organização.

Lá, pudemos observar que construímos alternativas em contraposição à opressão e dominação: na luta pela terra, estamos enfrentando o latifúndio tão presente nesta região do Quilombo Jatobá; quando falamos de auto-organização das mulheres negras estamos falando de romper com o patriarcado e a divisão sexual do trabalho e quando falamos de organização quilombola estamos falando de romper com racismo ainda latente em nossa sociedade. Olhando para essa experiência e para as experiências que construímos nas universidades e nos espaços urbanos percebemos a importância de cada uma delas na luta antirracista.



Grupo de mulheres da comunidade quilombola de Jatobá, Patu, RN



Cultura das mulheres negras

Outro exemplo dessa luta antirracista que esteve presente na Virada Feminista Agroecológica e Cultural é nosso palco antirracista com a valorização dos nossos cantos, da nossa raça. Todas as expressões e apresentações culturais tiveram a nossa cara de luta e muitas têm a nossa cor. Ellen Oléria com seu saravá e Krystal com seu canto popular e com “...sangue é mel é mel de rapadura e minha pele é um gibão de couro e eu vou lhe mostrar...” nos encantou com seu canto e sua alma de povo negro.

Na nossa luta, no Oeste Potiguar, protagoniza a nossa cor, nossa beleza, nossos valores. Mais que isso, nós construímos, na nossa prática feminista, uma luta que ao mesmo tempo é feminista, antirracista e socialista.

Contudo, ainda temos muitos desafios teóricos e práticos na construção deste feminismo antirracista. Isso passa por enfrentar contradições, como as que as mulheres negras apontam de que, se por um lado muitas vezes encontram dificuldades de serem reconhecidas no movimento de mulheres, ao mesmo tempo se confrontam com o machismo dos homens dos movimentos negros. Em nosso cotidiano, nós, mulheres negras, sofremos,

ainda, com a criminalização do aborto, pois, muitas mulheres negras perdem suas vidas ou ficam com sequelas em sua saúde por praticar o aborto inseguro.

O racismo, o capitalismo e o patriarcado estabelecem formas de negação de nossa identidade que se materializa na prática social e são propagadas e legitimadas pela grande mídia. Essas práticas concretas de discriminação e desqualificação existem com o intuito de impedir nossa autodeterminação para agir com liberdade e desenvolver nossas potencialidades. São práticas sustentadas e incentivadas por preconceitos, ancoradas nas representações sobre o que é ser negra. Um exemplo disso é a ideia construída que as mulheres negras são fortes, que aguentam dor. Ambos ligados a intenção de extremar os aspectos biológicos de fêmeas (não humana) que também é presente na naturalização da opressão das mulheres como um todo sejam elas brancas ou negras. Esse segundo aspecto legitima formas de super exploração no trabalho e a destinação das atividades mais pesadas desvalorizadas nessa sociedade.





Por uma comunicação feminista e antirracista



Os múltiplos talentos das mulheres negras se destacaram nos shows da Virada Feminista

O feminismo sempre denunciou as práticas dos meios de comunicação de massa de tratar as mulheres como objetos e de atuarem como um dos principais atores na imposição de um padrão de beleza hegemônico e uniformizado que estabelece o modelo de mulheres brancas, loiras, magras e jovens.

Em relação ao racismo, esses grandes meios de comunicação reforçam os preconceitos e estereótipos, principalmente na banalização da sexualidade que tem raiz nas práticas seculares de abuso e estupro das mulheres negras. Também são explorados e reforçados os estereótipos das mulheres negras como servis, no emprego doméstico vindo desde os tempos de utilização das negras como amas de leite e hoje sem vida própria cuidando dos filhos das brancas, muito utilizado

nas novelas, por exemplo. Nosso questionamento não se resume a dizer que a mídia não nos representa, mas inclusive denunciar os mecanismos que incorpora parte do discurso antirracista para transformar em mercadoria e vendem produtos vinculados a negritude.

Para as mulheres a pressão em relação a beleza e estética é constante e sabemos que a forma como isso corre no dia a dia tem diferenças determinadas pela classe e pela raça. No RN, as jovens negras de bairros populares e do meio rural vivem a dimensão do racismo a partir de questões básicas em relação ao projeto de vida e de sua autonomia. São meninas pobres que se angustiam quando pensam onde conseguir trabalho: que lugares e trabalhos estão destinados para elas? Ou o que vai fazer quando terminar o ensino médio?





Oficina de turbantes promovida pelo CF8 e MMM: visibilidade e valorização da cultura afro



Para barrar a articulação do capitalismo, do racismo e do patriarcado é necessário apostar na construção de um movimento feminista antissistêmico. A Marcha Mundial das Mulheres consegue, em sua curta trajetória, apresentar ações que encaram a luta feminista, antirracista e de classes de forma conectadas e co-extensivas. A Virada Feminista, agroecológica e Cultural tem esse sentido e, sem dúvidas, a sua realização é uma contribuição para enegrecer o feminismo.



Será que conseguirei entrar na universidade? No seu imaginário social estão valores de juventudes que vivem em uma sociedade do espetáculo. Como ser aceita com determinadas roupas ou com determinado cabelo, como ter recursos pra ir a balada, para se divertir.

No entanto, quando vivemos o cotidiano dessas meninas percebemos que seus desejos e vontades vão além de uma beleza fabricada, passa pela busca de sua autonomia e a conquista de seu espaço. Só uma luta feminista antirracista e anticapitalista conseguirá emancipar as mulheres negras. O desafio é conseguir realmente articular as lutas, sem nos afastar ou setorizar. Se buscarmos apenas a luta pelo protagonismo das mulheres negras, corremos o risco de cair nas garras do capitalismo e do mercado e ver transformadas nossas bandeiras de lutas em mercadoria; se buscarmos apenas a luta

feminista sem uma coextensividade da luta de classe e antirracista caímos no risco de aceitarmos o *status quo* e mudarmos a vida de algumas mulheres. Acreditamos que é possível construirmos nossa autonomia e identidade de classe, gênero e raça sem nos segregar, mas sempre no princípio de que juntas estamos mais fortalecidas e empoderadas sendo protagonista de nossas vidas.

Neste sentido, para barrar a articulação do capitalismo, do racismo e do patriarcado é necessário apostar na construção de um movimento feminista antissistêmico. A Marcha Mundial das Mulheres consegue, em sua curta trajetória, apresentar ações que encaram a luta feminista, antirracista e de classes de forma conectadas e co-extensivas. A Virada Feminista, Agroecológica e Cultural tem esse sentido e, sem dúvidas, a sua realização é uma contribuição para enegrecer o feminismo.



Show da cantora cearense Roberta Kaya, na Virada Feminista Agroecológica e Cultural



O feminismo e a cultura

A luta e a construção de uma cultura para a igualdade

Por Camila Paula

O ano de 2015 foi de muita movimentação, luta e construção de cultura feminista. Em fevereiro tivemos o primeiro bloco feminista de Mossoró, o Alô Frida; duas intervenções auto-organizadas no Beco das e dos Artistas, ensaios da batucada feminista e a Virada Feminista Agroecológica e Cultural. Tudo isso porque acreditamos que a construção de uma sociedade mais justa passa por uma cultura para igualdade.

Os hábitos, comportamentos, formas de organização social, manifestações intelectuais e artísticas formam a cultura de uma sociedade. Porém, em todas as sociedades existem as desigualdades na detenção do conhecimento e na forma que a cultura se desenvolve. Na sociedade capitalista patriarcal e racista, a cultura hegemônica é feita com, por e para os homens

brancos e ricos e para manutenção do privilégio da classe branca masculina sobre as mulheres, principalmente sobre as mulheres pobres e negras: os homens são os grandes escritores, historiadores, líderes religiosos e etc. E isto não é por acaso ou coisa natural.

Para nós, mulheres, o grande desafio é entender e se apropriar da cultura como um todo. O feminismo, por ser um movimento cultural, político, ideológico e filosófico, é, assim, um movimento de cultura como contra hegemonia, de contracultura.

A divisão entre o público e o privado organiza os lugares que os homens e as mulheres ocupam na sociedade. A ocupação do espaço público através das ações de rua pelo movimento feminista, por exemplo, cumpre uma tripla função: fortalecer e naturalizar a



Camila Paula, militante da Marcha Mundial das Mulheres



A batucada feminista está sempre presente nas mobilizações da MMM/CF8

ocupação do espaço público entre as militantes; demarcar a identidade do movimento no cotidiano e na memória da população; e, sobretudo, comunicar, convencer e conquistar outras mulheres para o feminismo.

O compromisso da Marcha Mundial das Mulheres em mudar o mundo e a vida das mulheres perpassa por construir uma cultura que seja popular e não machista, racista e lesbitransfóbica. A batucada, o lambe-lambe, o muralismo, o estêncil, o fanzine, são práticas que constituem um diferencial da MMM: a irreverência. É o que as militantes fazem para tornar visível, audível e sensível todas as opressões de classe, gênero, raça/etnia que se relacionam entre si alimentadas na cultura da sociedade.

Como forma de incidir diretamente na sociedade, as militantes também formam coletivos para produzir cultura e ocupam espaços para intervenções feministas. É o que acontece em Mossoró no Beco das/os Artistas.



Os instrumentos da batucada são confeccionados a partir de materiais reciclados

O Beco das/os Artistas é um espaço que, desde as jornadas de junho de 2013, vem sendo ocupado pelas juventudes da cidade. As juventudes de partidos de esquerda e de movimentos sociais da cidade se organizaram para realizar ocupações artísticas políticas e culturais, o que gerou inquietação na produção cultural independente de jovens.

Mesmo estando no processo de ocupação do beco desde o início, as mulheres sentiram o peso do patriarcado: “Nas edições mistas do beco era muito complicado para nós, mulheres, irmos à frente, cantar ou recitar poesias, já que sempre havia um homem que nos impedia de fazer isto. Ou então, quando conseguíamos, sempre havia quem ficasse nos apressando, pedindo para concluirmos logo a nossa fala, nossa música”, foi uma das declarações de Everlaine Rocha, artista e integrante da Batucada Feminista da Marcha, sobre os percalços para o protagonismo das mulheres nos espaços de fazer cultural.





A batucada, o lambe-lambe, o muralismo, o estêncil, o fanzine, são práticas que constituem um diferencial da MMM: a irreverência. É o que as militantes fazem para tornar visível, audível e sensível todas as opressões de classe, gênero, raça/etnia que se relacionam entre si alimentadas na cultura da sociedade. Como forma de incidir diretamente na sociedade, as militantes também formam coletivos para produzir cultura e ocupam espaços para intervenções feministas. É o que acontece em Mossoró no Beco das/os Artistas.



Diante deste quadro, a intervenção feminista no Beco das/os Artistas é uma ação que tem por objetivo ser um espaço de aglutinação, debate e expressão do feminismo. Meninas da Batucada Feminista, estudantes universitárias, poetisas, cantoras, bailarinas, fotógrafas e mulheres que compõem variados movimentos sociais participam das intervenções e se sentem encorajadas a visibilizar sua arte e produzir outra cultura possível.

Além da, e inspiradas na, ocupação do espaço do beco, as mulheres da Marcha Mundial de Mossoró decidiram colocar o bloco feminista na rua também no carnaval. “Alô Frida” é a reunião de várias militantes feministas da cidade com uma troça colorida, florida, irreverente e de luta.

O carnaval é uma grande festa de manifestações culturais do país. Contra o machismo e em luta pela igualdade e autonomia, organizado apenas por mulheres, a troça coloca as mulheres como protagonistas, conta com orquestra de frevo, homenagens à artista mexicana comunista e feminista Frida Kahlo e é aberta para participação do público em geral: “a melhor fantasia é o respeito à igualdade e à liberdade. Queremos uma folia em que sejamos livres dos padrões de beleza e da mercantilização dos nossos corpos. Este momento de reunir a mulherada para celebrar o feminismo que nos impulsiona todos os dias, como dizia Frida, ‘com asas para voar’, é alegria garantida!”, fala Ana Paula Martins, da organização do bloco.

Em meio a campanha contra a aprovação, pela Câmara Municipal de Mossoró, do projeto que



O beco serve de palco para diversas cantoras locais





Além do espaço para as cantoras, o Beco também é palco para outras artistas, como poetisas, bailarinas e Djs

propunha retirar a discussão de gênero do Plano Municipal de Educação e, consequentemente, das escolas, as feministas fizeram o ArriáBeco do Alô Frida contando com a participação de Celia Aldridge, coordenadora da E-CHANGER Brasil, agência suíça de cooperação de pessoas, e militante da Marcha Mundial das Mulheres de São Paulo, para falar sobre a importância de discutir gênero e diversidade para construção de novas relações

humanas sem machismo, LGBTfobia, sexismo e violência sexista na escola e em todos os lugares. A programação teve também música, poesia e quadrilha improvisada “semessadesódançarhomemcommulher”.

Seguindo as intervenções feministas no beco, a primeira pré-virada feminista, em preparação para o encerramento da 4ª Ação da Marcha, foram realizados beco, ensaios da Batucada Feminista e a montagem do show Mulheres, Lutas e Memórias, feito só com artistas mulheres mossoroenses: “Uma vivência muito interessante de troca mútua e acredito que o grande legado desse espetáculo é a possibilidade de se formar, em Mossoró, uma banda só com mulheres, mulheres protagonizando todas as cenas: tocando, dirigindo, dançando, construindo uma obra artística própria, com autonomia através do feminismo”, conta a atriz Lenilda Sousa, que dirigiu o espetáculo.

As oficinas e apresentações da Virada Feminista somaram 24h de ocupação da cidade pela cultura feita por mulheres. Porém, somando as 24h com as intervenções no beco e o Alô Frida, e a presença protagonizada pelas mulheres fazendo cultura mostram que as ações pontuais são cada vez mais importantes para visibilizar a potência transformadora que a cultura feminista tem de ressignificar e construir outras relações sociais e culturais e, assim, outro mundo: “até que todas sejamos livres”.



Bloco “Alô Frida”: carnaval feminista



